

Coro e Orquestra Gulbenkian

Risto Joost

Raúl da Costa

Ilse Eerens

Marianne Beate Kielland

Thomas Erlank

Marcos Fink



23 + 24 mar 23



23 mar 23 QUINTA 20:00

24 mar 23 SEXTA 19:00

GRANDE AUDITÓRIO

Coro e Orquestra Gulbenkian

Risto Joost Maestro

Raúl da Costa Piano

Ilse Eerens Soprano

Marianne Beate Kielland Meio-Soprano

Thomas Erlank Tenor

Marcos Fink Baixo-Barítono

Jorge Matta Maestro do Coro Gulbenkian

Wolfgang Amadeus Mozart

Concerto para Piano e Orquestra n.º 20,
em Ré menor, K. 466

c. 32 min.

1. *Allegro*
2. *Romance*
3. *Rondo: Allegro assai*

INTERVALO

Wolfgang Amadeus Mozart

Requiem, em Ré menor, K. 626

c. 50 min.

Introitus: Requiem aeternam

Kyrie

Sequentia: Dies irae

Tuba mirum

Rex tremendae

Recordare

Confutatis

Lacrimosa – Amen

Offertorium: Domine Jesu Christe

Hostias

Sanctus

Benedictus

Agnus Dei

Communio: Lux aeterna

Cum sanctis tuis

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 1h 45 min.

INTERVALO DE 20 MIN.

Wolfgang Amadeus Mozart

(Salzburgo, 1756 – Viena, 1791)

Concerto para Piano e Orquestra n.º 20, em Ré menor, K. 466

COMPOSIÇÃO 1785

ESTREIA Viena, 11 de fevereiro de 1785

DURAÇÃO c. 32 min.

No início de fevereiro de 1785, Mozart finalizava, em Viena, o Concerto para Piano e Orquestra n.º 20, obra-prima do seu legado concertante, influenciada pelo coevo *Sturm und Drang*. Somente à luz deste movimento literário se pode, de resto, atribuir pleno significado ao dramatismo intenso da secção introdutória do Concerto n.º 20 e à invocação constante de sentimentos interiores, enevoados, muitas vezes, por inquietações e angústias.

No primeiro andamento, o *pathos* denso e lúgubre da introdução lenta preludia a entrada do solista com o primeiro tema, em gesto ascendente e pausado, qual interrogação existencial talhada não apenas pela incerteza ante as contrariedades, mas também pela esperança na resolução dos problemas e conflitos. Os vivos ritornelos orquestrais agudizam a essência da dialética, a qual pressupõe um plano filosófico e de reflexão existencial que alimenta o fluir das ideias musicais. Neste sentido, podem aqui vislumbrar-se traços da mentalidade romântica, os quais viriam a ser invocados, mais tarde, pelo compositor e crítico E. T. A. Hoffmann (1776-1822). O segundo tema desta forma de sonata de primeiro andamento traz consigo a serenidade e a paz. O ritornelo que se segue retoma o material do início do andamento, antes de o solista trazer

de novo à textura o segundo tema, processado, a partir de agora, em torrentes melódicas e rítmicas alargadas, já no âmbito do desenvolvimento. No termoda recapitulação, o solista tem espaço criativo para a cadência final, de acordo com a convenção seguida na época.

O segundo andamento prossegue a mesma linha intimista, dominada pela melopeia aparentemente ingénuo do piano, a qual, aos poucos, vai desvendando os recantos mais escondidos da alma humana, sob a moldura expressiva das cordas. Este refrão alterna com episódios intermédios, num contínuo que não deixa de fazer sentir, a dado momento, as brumas inquietantes do primeiro andamento. Contudo, o tema apaziguador do solista prevalece nos últimos compassos.

O *Rondo* final impõe renovada vivacidade ao discurso musical, envolvendo solista e orquestra num crescendo de tensões com abundantes indicações de dinâmica. As interações entre o piano e a orquestra anunciam uma nova forma de encarar o género concertante: como um jogo de forças antagónicas em que o virtuosismo técnico do solista passa a desempenhar um papel decisivo. Também deste ponto de vista se prefiguram na obra as tendências iminentes do Romantismo musical.

Requiem, em Ré menor, K. 626

COMPOSIÇÃO 1791

ESTREIA Viena, 2 de janeiro de 1793

DURAÇÃO c. 50 min.

O *Requiem* de W. A. Mozart situa-se na continuidade de uma tradição centenária de tratamento polifónico das rúbricas da *Missa pro defunctis*, tradição essa que remonta à Renascença. Esta missa plenária assumia parte fulcral no Rito Católico Romano, sendo associada, por norma, às exéquias de personalidades socialmente destacadas, como aristocratas ou membros da realeza. Na sua versão, deixada incompleta à data da morte, Mozart combinou toda a carga dramática dos textos latinos de origem medieval com os padrões vocais e instrumentais em uso na época, do que resultou um monumento sonoro de beleza invulgar.

Sabe-se hoje, graças às aturadas pesquisas do musicólogo austríaco Otto Erich Deutsch, que a obra foi encomendada pelo conde Franz von Walsegg-Stuppach, frequentador assíduo dos círculos da maçonaria livre em Viena. A esposa do conde falecera a 14 de fevereiro de 1791, com apenas vinte anos de idade, tendo o nobre querido expressar uma homenagem póstuma com expressão litúrgica e musical. Para tal, em meados de julho do mesmo ano, enviou um mensageiro a casa de Mozart, o qual comunicou o prazo de execução exigido e um adiantamento de honorários. O compositor e a sua família viam-se, na altura, a braços com uma série

de dificuldades financeiras, pelo que a tarefa foi aceite, muito embora o seu início efetivo só tenha vindo a ocorrer em outubro de 1791, após a estreia, em Praga, da ópera *La clemenza di Tito*. Afligido por febres e inchaços, o compositor não logrou, contudo, concluir o *Requiem* nos cerca de dois meses de vida que lhe restavam. À data da sua morte, deixara o Introito e o essencial do *Kyrie*, legando também as partes vocais completas das cinco primeiras estrofes da Sequência *Dies irae* e do Ofertório *Domine Jesu Christe*, assim como os respetivos baixos instrumentais e as células motivicas preponderantes da restante instrumentação. Da derradeira secção da Sequência, *Lacrimosa*, Mozart escreveu apenas os oito primeiros compassos, antes de renunciar definitivamente à pena. Foi Constanze Mozart (1762-1842), ciente das obrigações do recém-falecido marido, que tomou a iniciativa de contactar alguns dos seus discípulos mais próximos, no sentido de lhes propor a conclusão da obra. O desafio foi aceite por F. X. Süssmayr (1766-1803), o qual principiou por completar a estrofe *Lacrimosa*, prosseguindo com a composição do *Sanctus* e do *Agnus Dei*, presumivelmente a partir de esboços fornecidos por Constanze, mas que não subsistiram até aos nossos dias.

Quanto à última rubrica, *Communio*, foi igualmente trabalhada por Süssmayr a partir da reutilização de secções substanciais do Introito e do *Kyrie*. No início de dezembro de 1793, foi entregue uma cópia ao conde Walstegg, honrando-se o compromisso inicialmente assumido por Mozart.

Os primeiros compassos desvelam, desde logo, as angústias e as incertezas do ser humano perante a morte, com o passo lento e cadenciado das cordas, em contratempo, a servir de apoio às sonoridades veladas dos fagotes e dos *cors de basset*. Os trombones, trompetes e timbales reforçam a cadência que conduz à entrada fugada das vozes, com especial gravidade de expressão. O tom premonitório do Introito é, de alguma forma, prolongado no *Kyrie*, majestoso enunciado contrapontístico inspirado nos modelos da fuga barroca, dos quais Mozart tomara conhecimento através da biblioteca do Barão Gottfried van Swieten. A sequência *Dies irae, dies illa* constitui, *per se*, uma das páginas mais carismáticas de toda a literatura vocal europeia, dela emanando um *pathos* ao mesmo tempo grandioso e aterrador, marcado pelas múltiplas referências ao final dos tempos,

aos pecados da humanidade e à expectável punição divina. O discurso idiomático dos instrumentos vai-se adaptando, com notável sensibilidade, aos múltiplos significados das estrofes latinas, seja ao anúncio do julgamento final de *Tuba mirum*, seja à súplica fremente de *Confutatis maledictis*, seja ainda à prodigiosa evocação de *Lacrimosa dies illa*. Todas as forças vocais e instrumentais confluem para imergir o ouvinte nos quadros derradeiros do apocalipse final. Após a Sequência tem lugar o Ofertório, *Domine Jesu Christe*, visando a edificação moral do crente, frente à tentação e ao pecado que se atravessam no seu caminho. Na tonalidade serena de Mi bemol maior, o verso *Hostias et preces tibi, Domine* imprime um sentido mais dinâmico ao discurso musical, a partir da métrica ternária e das figurações sincopadas das cordas. Os dois últimos andamentos do *Requiem* foram, como se disse, compostos de raiz por Süssmayr, não se sabendo a medida exata da inspiração mozartiana. Apesar de tudo, tornam-se bem claros os esforços para emular o estilo musical e as atmosferas dramáticas dos andamentos anteriores, em particular na *Communio* final.

NOTAS DE RUI CABRAL LOPES

Risto Joost

A versatilidade do jovem maestro estónio Risto Joost tem sido reconhecida nos domínios do concerto e da ópera. Maestro em Residência na Ópera Nacional da Estónia, ocupou já as posições relevantes de Maestro Principal da Orquestra de Câmara de Tallinn e de Diretor Artístico do Coro da Rádio MDR de Leipzig. Desde 2020/21, é Diretor Artístico e Maestro Principal do Teatro Vanemuine, em Tartu, na Estónia. Como maestro convidado, dirigiu a Filarmónica de Helsínquia, a Filarmónica de Bergen, a Orquestra da Ópera Norueguesa, a Filarmónica de Tampere, a Tapiola Sinfonietta, a Sinfónica de Trondheim, a Filarmónica dos Países Baixos, a Filarmónica de Dortmund, a Sinfónica da Rádio de Praga, a Filarmónica Janáček, a Filarmónica de Brno, a Orquestra de Câmara de Lausanne, a Orquestra de Câmara dos Países Baixos, a Orquestra do Teatro La Fenice, a Sinfónica Nacional da Letónia e a Sinfónica Nacional da Estónia, entre outras orquestras. Além disso, colaborou com o RIAS Kammerchor, o SWR Vokalensemble, o Coro da Rádio de Berlim, o Coro da Rádio Sueca e o Coro de Câmara Filarmónico da Estónia. No domínio da ópera, dirigiu mais de vinte estreias. Pelas suas atividades artísticas na Estónia e no estrangeiro, foi distinguido no seu país com o Prémio de Música (2016) e com o Prémio Jovem Figura Cultural da República da Estónia (2011). Foi também premiado nos concursos de direção Malko (2015) e Jorma Panula (2012). Risto Joost estudou na Academia de Música da Estónia e na Universität für Musik und darstellende Kunst Wien. Em 2008 concluiu uma pós-graduação em direção de orquestra, com Jorma Panula, no Royal College of Music, em Estocolmo. Foi Diretor Artístico do Birgitta Festival Tallinn, em 2017 e 2018.

Raúl da Costa

O pianista Raúl da Costa foi premiado em vários concursos nacionais e internacionais, tendo recebido, em 2016, o 1.º prémio e todos os prémios especiais do concurso internacional ZF-Musikpreis. É natural da Póvoa de Varzim, cidade onde iniciou a sua formação musical aos sete anos de idade com Luís Amaro de Oliveira e Emília Coelho. Na Academia de Música S. Pio X, em Vila do Conde, estudou com Álvaro Teixeira Lopes. Em 2011 ingressou na Hochschule für Musik, Theater und Medien, em Hanôver, onde estudou com Karl-Heinz Kämmerling e Bernd Goetzke. Trabalhou também com Kirill Gerstein na Hochschule für Musik Hanns Eisler. Foi bolseiro da Yamaha Musical Foundation of Europe, da Yehudi Menuhin Live Music Now Foundation e da Fundação Gulbenkian. Raúl da Costa apresenta-se regularmente nas salas portuguesas mais emblemáticas, destacando-se também o sucesso obtido em festivais internacionais de música e em muitos palcos da Europa, dos E.U.A. e da Ásia. Com um vasto repertório, que se estende de Bach a Zimmerman, a música de câmara sempre ocupou um lugar importante na sua carreira, nomeadamente as colaborações com Christoph Poppen, Juliane Banse, Bruno Monsiegeon, Valeriy Sokolov e Matvey Demin. Apresentou, em estreia absoluta, obras de Luiz Costa, Fernando Lopes-Graça, Eduardo Patriarca e Amílcar Vasques-Dias. A sua discografia inclui o Concerto para Piano n.º 4 de Rachmaninov, com a Orquestra Sinfónica do Porto – Casa da Música, sob a direção de Stephan Blunier. As suas gravações ao vivo foram difundidas em rádios europeias como NDR, SWR, Deutschlandfunk, Radio France e RTP – Antena 2. Em 2018 assumiu o cargo de Diretor Artístico do Festival Internacional de Música da Póvoa de Varzim.

Ilse Eerens

Voz luminosa, sensibilidade musical e versatilidade, são algumas das reconhecidas qualidades de Ilse Eerens, soprano belga que desenvolve uma carreira internacional como solista de ópera e de concerto.

Atuações recentes incluem: o regresso ao Festival de Salzburgo, no papel de 1.^a Dama, em *A flauta mágica* de Mozart, bem como à Ópera Nacional de Lyon, como Héro, em *Béatrice et Bénédic* de Berlioz. Outros destaques incluem: Pamina, numa versão de concerto de *A flauta mágica*, com a Orquestra do Séc. XVIII; o *Requiem* de Fauré, com a Filarmónica de Bruxelas; *Sonho de uma Noite de Verão* de Mendelssohn e *Requiem* de Dvořák, com a Sinfónica de Antuérpia e Philippe Herreweghe; a *Paixão segundo São Mateus* de J. S. Bach, com Ton Koopman, no Festival Bach de Leipzig; *Cristo no Monte das Oliveiras* de Beethoven, com a Orquestra Beethoven de Bona; e a Missa em Lá bemol maior, de Schubert, em Rouen.

Além do *Requiem* de Mozart, com o Coro e a Orquestra Gulbenkian, na presente temporada Ilse Eerens regressa ao La Monnaie para interpretar o papel de Sophie, em *O Cavaleiro da Rosa* de R. Strauss. Outros compromissos incluem o *Stabat Mater* de Dvořák, com a Filarmónica de Bruxelas, o ciclo *Let Me Tell You*, de Hans Abrahamsen, com a Basel Sinfonietta, a cantata *Auf, schmetternde Töne*, de J. S. Bach, com a Orquestra e o Coro Nacional de Espanha e Ton Koopman, e a 9.^a Sinfonia de Beethoven, com a Orquestra do Séc. XVIII.

Ilse Eerens estudou no Instituto Lemmens, em Lovaina, e na Academia da Ópera Nacional dos Países Baixos. Recebeu o Prémio Arleen Auger no Concurso Internacional de Canto de 's-Hertogenbosch e foi 3.^a classificada no Concurso Internacional da ARD, em 2006.

Marianne Beate Kielland

Marianne Beate Kielland estudou na Academia Norueguesa de Música com Svein Bjørkøy. Iniciou a sua carreira internacional na Staatsoper Hannover e, ao longo das últimas décadas, afirmou-se como uma das principais cantoras escandinavas. O seu repertório de concerto é vasto, estendendo-se do século XVII até à música contemporânea. As suas apresentações incluem muitos dos principais palcos da Europa, da América do Norte e do Japão. Colabora regularmente com grandes orquestras e importantes agrupamentos de música antiga, sob a direção de maestros como Herbert Blomstedt, Leonardo García Alarcón, Rinaldo Alessandrini, Fabio Biondi, Thomas Dausgaard, Philippe Herreweghe, Manfred Honeck, René Jacobs, Andrew Manze, Marc Minkowski, Vasily Petrenko, Helmut Rilling, Christophe Rousset, Jukka-Pekka Saraste, Jordi Savall, Masaaki Suzuki ou Robin Ticciati. É também muito solicitada para interpretar papéis de ópera barroca, tais como: Merope, em *L'oracolo in Messenia* de Vivaldi (numa extensa digressão com a orquestra Europa Galante); Mensageira e Proserpina, em *L'Orfeo* de Monteverdi; Fernando, em *La fede nei tradimenti* de Attilio Ariosti; Apollo, em *Terpsichore* de Händel; Ercole, em *Il più bel nome* de Caldara; ou Aronn, em *Il Faraone Sommerso* de Francesco Fago. Realizou mais de cinquenta gravações de oratórias, óperas, cantatas e canções. Em 2012 foi nomeada para os *Grammy*, na categoria de “Melhor Álbum Vocal Clássico”, pela gravação de *Veslemøy Synsk*, que inclui obras de Edvard Grieg e Olav Anton Thommessen. Colabora regularmente com o pianista Nils Anders Mortensen, mas também se apresentou em recitais com Leif Ove Andsnes, Pascal Roge, Jean-Efflam Bavouzet, Lise de la Salle e Jos van Immerseel.

Thomas Erlank

O tenor sul-africano Thomas Erlank é membro da companhia da Opernhaus Zürich desde 2020, tendo anteriormente completado dois anos no International Opera Studio. Participou em várias produções de Andreas Homoki, Tatjana Gürbaca e Jetske Mijnsen, entre outros. Estudou na Stellenbosch University, na África do Sul, e no Royal College of Music, em Londres, tendo-se diplomado em *Vocal Performance* e em *Opera Performance*.

Na temporada 2018/19, Thomas Erlank estreou-se, com grande sucesso, na Opernhaus Zürich, como tenor da produção de ballet de Christian Spuck, *Winterreise*, inspirada na versão de Hans Zender. Mais recentemente, interpretou Chevalier de la Force, em *Dialogues des Carmélites* de Poulenc, Lucano, em *L'incoronazione di Poppea* de Monteverdi, e Grimoaldo, em *Rodelinda* de Händel.

Em concerto, foi solista em obras de J. S. Bach, G. F. Händel, J. Haydn, Saint-Saëns, Mozart e Schubert.

Os projetos para a presente temporada na Opernhaus Zürich incluem Gastone, em *La traviata* de Verdi, e Tamino, em *A flauta mágica* de Mozart. Participa também na estreia do ballet *Monteverdi*, de Christian Spuck, com o Ballet Zürich e direção musical de Christoph Koncz.

Os planos futuros incluem o papel principal em *L'Orfeo* de Monteverdi.

Marcos Fink

Marcos Fink nasceu em Buenos Aires, no seio de uma família eslovena. As atuações da sua família (Quarteto Fink) motivaram-no a seguir a carreira musical e a cantar em coros desde muito cedo. Estudou com Ivan Ivanov e Victor Srugo. Em 1988 recebeu uma bolsa de estudos para aperfeiçoar a sua formação vocal com Heather Harper e Robert Sutherland, em Londres. Depois das primeiras atuações na Argentina, mudou-se para a Europa em 1990, tendo nesse ano concretizado a sua estreia no Festival de Salzburgo. Convidado pelo Landestheater de Salzburgo, integrou os elencos de várias óperas de Mozart durante a temporada do bicentenário da morte do compositor austríaco.

Marcos Fink aborda um repertório eclético e realizou muitas gravações de ópera, de obras corais e de *Lieder*, tendo recebido numerosos prémios. Foi distinguido com o *Prešernov sklad 1999*, prémio de cultura da Eslovénia. O CD *Canciones argentinas* (Harmonia Mundi), com a sua irmã Bernarda Fink e a pianista Carmen Piazzini, foi nomeado para os *Grammy*, em 2006, na categoria de “Melhor Interpretação Vocal Clássica”, e para os *BBC Music Awards* em 2007.

Recentemente participou em produções de *A flauta mágica* (Sarastro) de Mozart, em Aix-en-Provence; *La Perichole* (Don Andrés de Ribeira) de Offenbach, em Bordéus; *Agrippina* (Claudio) de Händel (com gravação nomeada para os *Grammy*); *Rappresentazione d'anima e di corpo* (Mondo) de Cavaliere, na Ópera de Berlim; *Don Chisciotte in Sierra Morena* (Sancio Pansa) de Francesco Bartolomeo Conti; e *Platée* (Júpiter) de Rameau, no Concertgebouw de Amesterdão.

Coro Gulbenkian

Fundado em 1964, o Coro Gulbenkian conta presentemente com uma formação sinfónica de cerca de cem cantores. Pode atuar em grupos vocais mais reduzidos, apresentando-se tanto *a cappella* como em colaboração com a Orquestra Gulbenkian ou com outros agrupamentos para a interpretação das grandes obras. No domínio da música contemporânea, tem apresentado, frequentemente em estreia absoluta, inúmeras obras de compositores portugueses e estrangeiros. Tem colaborado regularmente com prestigiadas orquestras mundiais, entre as quais a Philharmonia Orchestra de Londres, a Freiburg Barockorchester, a Orquestra do Século XVIII, a Filarmónica de Berlim, a Sinfónica de Baden-Baden, a Sinfónica de Viena, a Orquestra do Real Concertgebouw de Amsterdão, a Orquestra Nacional de Lyon ou a Orquestra de Paris. O Coro Gulbenkian participou em importantes festivais internacionais, tais como: Festival Eurotop (Amsterdão), Festival Veneto (Pádua e Verona), City of London Festival, Hong Kong Arts Festival, Festival Internacional de Música de Macau, ou Festival d'Aix-en-Provence. A discografia do Coro Gulbenkian está representada nas editoras Philips, Archiv / Deutsche Grammophon, Erato, Cascavelle, Musifrance, FNAC Music e Aria Music, tendo ao longo dos anos registado um repertório diversificado, com particular incidência na música portuguesa dos séculos XVI a XX. Algumas destas gravações receberam prestigiados prémios internacionais. Entre 1969 e 2020, Michel Corboz foi o Maestro Titular do Coro Gulbenkian. As funções de Maestro Adjunto e de Maestra Assistente são desempenhadas por Jorge Matta e Inês Tavares Lopes.

Coro Gulbenkian

SOPRANOS

Ana Bela Covão
Ana Raquel Sousa
Anna Kássia
Beatriz Ventura
Carla Frias
Clarie Santos
Daniela Matos
Filipa Passos
Filomena Oliveira
Maria José Conceição
Marisa Figueira
Mónica Santos
Rosa Caldeira
Susana Duarte

CONTRALTOS

Ana Urbano
Inês Martins
Joana Esteves
Joana Nascimento
Liliana Silva
Mafalda Borges Coelho
Manon Marques
Maria Bustorff
Maria Forjaz Serra
Patrícia Mendes
Rita Tavares
Verónica Santos

TENORES

António Gonçalves
Gerson Coelho
Hugo Martins
João de Barros
João Custódio
Marco Ferreira
Nuno Raimundo
Pedro Rodrigues
Rui Aleixo
Rui Miranda
Sérgio Fontão
Simão Pourbaix

Orquestra Gulbenkian

BAIXOS

Alexandre Gomes
Gonçalo Freitas
Hugo Wever
João Costa
João Líbano Monteiro
Pedro Morgado
Mário Almeida
Miguel Jesus
Nuno Gonçalo Fonseca
Pedro Casanova
Rui Bôrras
Rui Gonçalo
Tiago Batista
Tiago Navarro

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Fátima Pinho
Marta Ferreira de Andrade
Joaquina Santos
Ricardo Pereira

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora. Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. A partir de setembro de 2023, Hannu Lintu assumirá as funções de Maestro Titular, sucedendo a Lorenzo Viotti.

Orquestra Gulbenkian

PRIMEIROS VIOLINOS

Vadim Tsibulevsky
CONCERTINO*
Francisco Lima Santos
1º CONCERTINO AUXILIAR
Bin Chao
2º CONCERTINO AUXILIAR
Pedro Pacheco
Alla Javoronkova
David Wahnou
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria Balbi
Otto Pereira
David Ascensão
Flávia Marques
Matilde Araújo
Catarina Ferreira
Margarida Queirós

SEGUNDOS VIOLINOS

Alexandra Mendes 1º SOLISTA
Zachary Spontak 1º SOLISTA
Cecília Branco 1º SOLISTA
Jorge Teixeira 2º SOLISTA
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Maria José Laginha
Camille Bughin
Juan Maggiorani
Francisca Fins
Miguel Simões
Félix Duarte
Asilkan Pargana

VIOLAS

Samuel Barsegian 1º SOLISTA
Lu Zheng 1º SOLISTA
Leonor Braga Santos 2º SOLISTA
Maia Kouznetsova
Artur Mouradian
Albert Payá
João Dinis
Precília Diamantino
Mariana Moreira

VIOLONCELOS

Varoujan Bartikian 1º SOLISTA
Marco Pereira 1º SOLISTA
Martin Henneken 2º SOLISTA
Jeremy Lake
Raquel Reis
Hugo Paiva
Gonçalo Lélis
João Valpaços

CONTRABAIXOS

Domingos Ribeiro 1º SOLISTA
Manuel Rego 1º SOLISTA
Marine Triolet 2º SOLISTA
João Lobo

FLAUTAS

Cristina Ánchel 1º SOLISTA
Sónia Pais 1º SOLISTA
Amália Tortajada 2º SOLISTA

OBOÉS

Pedro Ribeiro 1º SOLISTA
Nelson Alves 1º SOLISTA AUXILIAR
Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA
CORNE INGLÊS

CLARINETES

Iva Barbosa 1º SOLISTA
Telmo Costa 1º SOLISTA
José María Mosqueda 2º SOLISTA
CLARINETE BAIXO

FAGOTES

Ricardo Ramos 1º SOLISTA
Vera Dias 1º SOLISTA AUXILIAR
Raquel Saraiva 2º SOLISTA
CONTRAFAGOTE
Roberto Erculiani 2º SOLISTA*

TROMPAS

Luís Duarte Moreira 1º SOLISTA
Kenneth Best 1º SOLISTA
Pedro Fernandes 2º SOLISTA
Antonia Chandler 2º SOLISTA

TROMPETES

Carlos Leite 1º SOLISTA
José Pedro Pereira 2º SOLISTA
Jorge Pereira 1º SOLISTA*

TROMBONES

Sergi Miñana 1º SOLISTA
Rui Fernandes 2º SOLISTA
Thierry Redondo 2º SOLISTA
TROMBONE BAIXO

TUBA

Amílcar Gameiro 1º SOLISTA

TIMBALES

Rui Sul Gomes 1º SOLISTA
Richard Buckley 2º SOLISTA*

PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2º SOLISTA

* Instrumentista convidado

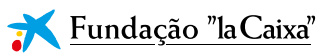
COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins
Marta Ferreira de Andrade
Fábio Cachão
Pedro Canhoto
Inês Nunes
Raquel Serra

A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alterações sem aviso prévio.

De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa é impresso em papéis reciclados e certificados pela Fedrigoni.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Gráfica Maiadouro, S. A.

Lisboa,
Março 2023

